A PÁTRIA
JORNAL DA COMUNIDADE CIENTÍFICA DE LÍNGUA PORTUGUESA
A Pátria - Jornal da Comunidade Científica de Língua Portuguesa | ISSN 2184-2957 | ERC 127157
Ponteditora | Sede Social, Editor e Redação: Startup Madeira - Campus da Penteada
9020-105 Funchal, Madeira | 00351 291 723 010 | geral@ponteditora.org

Autor: Fonseca

«Tenham noção»

Ainda não tinha vindo falar acerca da 2ª Vaga do Covid19…

Aqui há uns tempos, disse que o «bom comportamento» dos portugueses, no inicio da pandemia, talvez se devesse mais à imposição das regras governamentais do que propriamente à vontade dos próprios. E disse-o tendo por base os comportamentos irascíveis adotados logo após o fim do confinamento e que ditariam – mais tarde – a manutenção do estado de calamidade na área metropolitana de Lisboa, praticamente, até ao inicio desta 2ª vaga.

A verdade, cada vez mais evidente aos meus olhos, é que os portugueses não sabem – mesmo – ser livres; confundem liberdade com libertinagem ou anarquia. Não sei se isto advém de sermos uma democracia recente ou se será resultado de um certo sentimento de impunidade que a revolução dos cravos deixou; afinal, não se derramou sangue, não se apuraram responsabilidades de crimes contra a humanidade e nem um tiro perdido limpou o sebo a algum PIDE que – com certeza – o merecesse…

Neste momento, atravessamos um período de grande crise pandémica. Não é só cá, é verdade; tal como é verdadeiro que nenhum dos governos do mundo parece querer tomar as medidas que se impõem: confinamento total.

Antes que me caiam em cima, por causa da economia e da manutenção dos trabalhos, gostaria de propor o seguinte exercício. Que economia, ou trabalho, restará para os milhares de mortos que se avizinham? Que economia e trabalho restarão se, no final de tudo isto, não houver pessoas suficientes no mundo para que

A Pátria - Jornal da Comunidade Científica de Língua Portuguesa | ISSN 2184-2957 | ERC 127157
Ponteditora | Sede Social, Editor e Redação: Startup Madeira - Campus da Penteada
9020-105 Funchal, Madeira | 00351 291 723 010 | geral@ponteditora.org

tudo funcione normalmente? E, por fim, será que ainda ninguém entendeu que se impõem novas formas de pensar o mundo?!

Eu compreendo que não se queira parar tudo. Mas não se pode querer que tudo funcione da mesma maneira, porque há condicionalismos novos que nos obrigam a estar de outra forma. Que sentido fará impedir ajuntamentos de 5 pessoas, se nos transportes públicos se anda ao magote? Que sentido fará proibir a circulação entre concelhos se existem uma série de excepções que permitem que tudo fique na mesma?

Parece-me – na minha modesta opinião – que andamos a brincar às escondidas com o vírus, fingindo que tomamos medidas que nos protegem, resistindo às evidências que nos provam que ele está aí e não está para brincadeiras, esquecendo-nos de que ele é invisível… Como nos escondemos de alguma coisa que não vemos?!

E sim. Os apelos do Senhor Primeiro Ministro e do Senhor Presidente da República caíram em saco roto. Como se pode crer que um povo que não respeitou o confinamento durante a passada Páscoa, tendo usado e abusado de subterfúgios para escapar às restrições impostas na altura, agora, que «Estava tudo bem» – com arco iris e o diabo a quatro – actue com responsabilidade?

Não se pode; infelizmente, é esta a resposta… E basta ver o que aconteceu, esta quinta-feira, na Nazaré.

Se é porque somos uma democracia recente, e não compreendemos que Liberdade implica responsabilidade, ou se é pelo tal sentido de impunidade que ficou do 25 de Abril; não sei…

Talvez seja, apenas, porque, enquanto povo, temos um orgulho patológico em sermos contra o estado e, enquanto estado, temos uma desconfiança patológica sobre os cidadãos…

Mas o que mais me custa é isto que abaixo segue…

Uma sondagem da Aximage para o JN e TSF disse que 81% dos portugueses querem Recolher Obrigatório. Ou seja, 81% dos portugueses preferem ser obrigados a ficar em casa, sujeitos a penalizações e privados da sua liberdade durante uma parte do dia em vez, de sua livre e espontânea vontade, se absterem de sair à rua…

O que é que se passa com esta gente?

Somos crianças?

Então, se o estado não obrigar, nós não nos valemos a nós próprios?

Se sentimos que deveríamos evitar sair à rua, deslocarmo-nos a determinados sítios, a partir de certa hora, porque razão – simplesmente – não o fazemos?!

Fiquemos em casa porque queremos, porque achamos que é o comportamento certo, mas não – nunca – porque somos obrigados.

Mas não… Parece que se o estado «paizinho» não nos obrigar, não sabemos estar nem ser o que temos de ser.

Este sábado vai haver uma reunião do Conselho de Ministros; e parece-me que o Recolher Obrigatório está em cima da mesa… E talvez estes 81% dos portugueses vejam a sua vontade concretizar-se.

Quanto a mim, sinto-me triste com a constatação infeliz que os portugueses não sabem ser livres, não

A Pátria - Jornal da Comunidade Científica de Língua Portuguesa | ISSN 2184-2957 | ERC 127157
Ponteditora | Sede Social, Editor e Redação: Startup Madeira - Campus da Penteada
9020-105 Funchal, Madeira | 00351 291 723 010 | geral@ponteditora.org

sabem viver em liberdade, não sabem exercer os seus direitos e obrigações e que tem de vir o estado, tirando-nos esses mesmos direitos e obrigações – os quais temos, apenas, há 46 anos, é importante não esquecer – dar-nos uns açoites para aprendermos.

Não sei mais o que dizer e resta-me pouco mais do que parafrasear o Rodrigues Guedes de Carvalho:

«Tenham Noção!»

Imagem do Pinterest da APRIM

Data de Publicação: 01-11-2020